



O que pensam as crianças da educação infantil acerca do envelhecimento humano?

What do pre-school children think about human ageing?

DOI: 10.56238/isevmjv2n6-018

Recebimento dos originais: 27/11/2023

Aceitação para publicação: 15/12/2023

Francisane Nayare de Oliveira Maia

Discente do Programa de Pós graduação em Educação da UNESP, Campus de Marília

E-mail: framaia23@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar as concepções de crianças entre quatro e cinco anos de idade, regularmente matriculadas na Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, acerca da pessoa idosa e do envelhecimento humano. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de Campo. Para a coleta de dados foram utilizados livros de Literatura Infantil, que explorassem a temática de forma lúdica e acessível para a idade dos alunos, para que assim fosse possível colher relatos de crianças acerca de suas concepções sobre o envelhecimento humano. Após, o material coletado foi analisado à luz do referencial bibliográfico pertinente à temática. De acordo com o que foi analisado, os resultados indicam que a temática do envelhecimento humano é distante dentre do ambiente escolar e por conseguinte aparece de forma superficial dentro conteúdos escolares, contribuindo para que as crianças apresentem concepções carregadas de estereótipos sobre a pessoa idosa. Foi possível observar também que as crianças apresentam concepções diferentes nos termos “idoso e velho”, o que chamou bastante atenção durante a coleta de dados. A palavra “velho” apareceu de forma pejorativa, já “idoso” as crianças viam como pessoas capazes de realizar atividades. É importante que se sejam realizados currículos escolares que trabalhem de forma adequada com a temática do envelhecimento humano desde a Educação Infantil, pois a escola é ambiente intergeracional. Por fim, é por meio do contato com a temática que a criança poderá ter diferentes concepções acerca da pessoa idosa e do envelhecimento humano.

Palavras-chave: Educação infantil, Envelhecimento humano, Pesquisa com crianças.

1 AS PRIMEIRAS PALAVRAS

Este artigo é um recorte de uma pesquisa que teve por objetivo investigar as concepções de crianças da Educação Infantil acerca pessoa idosa do envelhecimento humano. Buscou também verificar de que forma os conceitos de “envelhecimento” e de “pessoa idosa” são concebidos por crianças de quatro e cinco anos de idade, de uma instituição de Educação Infantil e relacionar as realidades encontradas com o material bibliográfico. Qual o olhar da criança acerca do envelhecimento humano? Será positivo ou negativo sobre a velhice? Estas foram questões que motivaram a pesquisa. Tinha-se por hipótese inicial que era de que a visão seria negativa, pois é um assunto que pouco aparece na primeira etapa da Educação Básica. Acreditando na importância

dessa temática, trabalhar o tema pode contribuir para que as crianças construam olhares mais salutarres em relação a pessoa idosa. A pesquisa realizada aconteceu em dois momentos: o estudo bibliográfico e a pesquisa de campo. Inicialmente foi feito um levantamento sobre a temática e no segundo momento, foi coletador por meio das linguagens artísticas “histórias, músicas e desenhos” relatos orais de crianças acerca da temática. A metodologia da pesquisa se configurou bibliográfica e de Campo. Com esse artigo, espera-se demonstrar a importância da discussão sobre a temática do envelhecimento humano desde a Educação Infantil, visto que a escola é um espaço intergeracional e é no com contato com a temática que as crianças poderão ter diferentes olhares acerca da pessoa idosa e do envelhecimento humano.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEPÇÕES DE CRIANÇA, INFÂNCIA E ENVELHECIMENTO HUMANO

São diversos os conceitos que se tem a respeito de crianças e de infância. As concepções de criança e de infância que norteiam esse artigo são baseadas nos estudos de Kramer (2003), Cambi (1999), Oliveira (2002), Ariès (2006), entre outros. Neste artigo será apresentado uma breve discussão acerca dessas concepções.

As ideias relacionadas à temática sofreram modificações devido a processos históricos e sociais ao longo dos séculos. É importante pensar em todos esses avanços, nas mais recentes concepções de criança e infância na sociedade contemporânea e na influência do processo de escolarização formal na construção destas concepções, a fim de ultrapassar o senso comum em relação à inclusão da temática do envelhecimento humana na Educação Infantil.

Baseada em Philippe Ariès, Kramer (2003), aponta que:

Desde que Ariès publicou, nos anos 1970, seu estudo sobre o aparecimento da noção de infância na sociedade moderna, sabemos que as visões sociais sobre a infância são construídas social e historicamente: a inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas de organização. (KRAMER, 2003, p.85).

Para Kramer (2003) a definição de criança não é simples, pois a idade está associada a construções históricas, a determinados papéis e conhecimentos específicos. A autora aponta que além da ascensão da classe burguesa ao poder, culminando com a consolidação do capitalismo, houve também, ao longo dos séculos, avanços em relação ao conhecimento científico, que desencadearam muitas mudanças sociais, contribuindo para que a mortalidade infantil fosse reduzida. Segundo Kramer



[...] a idéia de infância surge no contexto histórico e social da modernidade, com a redução dos índices de mortalidade infantil graças ao avanço da ciência e a mudanças econômicas e sociais. Sabemos que a idéia de infância, da maneira como hoje a conhecemos, nasceu no interior das classes médias que se formavam no interior da burguesia. (KRAMER,2003, p.87).

Esse período de modificações econômicas, sociais e avanços científicos contribuíram para a mudança no que se refere à concepção de criança e de infância. A criança passou a ser vista como um ser com particularidades, em desenvolvimento, com formas de agir e pensar diferentes das do adulto.

Os estudos do historiador Philippe Ariès (2006), relatam as transformações ocorridas em relação à concepção sobre a infância do século XI ao século XIX. Ariès investigou como os grupos sociais pensavam as crianças e a infância a partir de registros poucos usuais, como: análise de obras de arte, diários de família, igrejas, túmulos e testamentos. Segundo Ariès, a sociedade medieval desconhecia a infância. As crianças eram tratadas como “adultos em miniatura”. Nesse sentido:

o sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia (ÁRIES, 2006, p.14).

E ainda:

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. Uma miniatura otomana do século XI nos dá uma idéia impressionante da deformação que o artista impunha as crianças, num sentido que nos parece muito distante de nosso sentimento e de nossa visão (ARIÈS, 2006, p. 17).

Com o surgimento da noção de infância, a criança passou a ser preparada para o futuro via processo de escolarização formal. Segundo, Oliveira (2002) no século XIX enfatizou-se a importância da educação para o desenvolvimento social. Dessa forma a criança se tornou o centro do interesse educativo dos adultos e passou a ser vista como sujeito de necessidades e objeto de expectativas e cuidados. Nesse sentido Kramer (2003) expõe que:

Uma concepção de criança que reconhece o que é específico da infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação – e entende as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só a entendê-las, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da infância, pode nos ajudar a aprender com elas. (KRAMER, 2003, p.91)



O conceito de criança e infância sofreu modificações até chegar ao século XXI. O sentimento de infância se traduz educacionalmente pela moralização e paparicação. Sendo assim, em ambos os casos, a criança não tem voz: ou é protegida de tudo ou deve-se nela inculcar valores e moralizá-la, para além dos seus pensares e querereres (KRAMER, 2003).

Atualmente existem novas teorias que abordam essa temática, tendo a infância como foco e a criança como sujeito ativo. As pesquisas de Corsaro (2011), Demartini(2009), Quinteiro(2009), entre outros, são um avanço no que se refere à concepção de criança e infância. Em seus estudos, analisam as crianças dentro de uma perspectiva coletiva, pensando nas ricas culturas de pares e nas produções e falas infantis. É por meio da produção e participação coletivas que as crianças passam a ser membros das próprias culturas de pares.

Já em relação ao envelhecimento humano, no processo de envelhecimento há um equívoco quanto ao seu processo, pois muitas vezes entende-se que a velhice é algo que se estabelece de uma vez, esquecendo-se que ela acontece a cada dia. Há uma multiplicidade de fatores que influenciam no processo de envelhecimento humano. Para muitos, o envelhecimento é uma fase da vida humana que tem sido reconhecido imediatamente apenas como conceito etário, isto é, baseado na idade cronológica e nas características físicas que acarreta. Contudo, Beauvoir (1976) considera que a velhice não é facilmente circunscrita devido às várias perspectivas que a compõe. A respeito do que é velhice Simone de Beauvoir afirma:

É um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. Acarreta conseqüências psicológicas: determinadas condutas, com justa razão, são consideradas típicas da Idade avançada. Tem uma dimensão existencial como todas as situações humanas: modifica a relação do homem no tempo, e portanto, seu relacionamento com o mundo e com a sua própria história. Por outro lado, o homem nunca vive no seu estado natural: seu estatuto lhe é imposto tanto na velhice como em todas as idades, pela sociedade a que pertence. A complexidade da questão é devida à estreita interdependência desses pontos de vista. (BEAUVOIR, 1976, p.13).

Beauvoir (1976) ressalta que nenhum indivíduo envelhece igualmente devido às condições físicas, funcionais, psicológicas e sociais que influenciam diretamente no envelhecimento humano, fazendo da velhice, um destino singular para cada indivíduo. Segundo a autora:

(...) a sociedade determina o lugar e o papel do velho, levando em conta suas idiosincrasias individuais: sua impotência, sua experiência; reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade a seu respeito. De modo que, uma descrição analítica dos diversos aspectos da velhice não pode ser suficiente: cada um deles reage sobre todos os outros e é por eles afetado. (BEAUVOIR, 1976, p.12)

Pensando no envelhecimento como processo social e na velhice como categoria socialmente construída, é importante apontar os aspectos positivos da velhice e compreender seu processo, na tentativa de desmistificar e diminuir os estereótipos pejorativos sobre a pessoa idosa, uma vez que a velhice é uma construção histórica, assim como a infância, a adolescência e a juventude. Nesse sentido, Debert (1999) dirá que:

Faz-se assim distinção entre um fato universal e natural – o ciclo biológico, do ser humano e de boa parte das espécies naturais, que envolve o nascimento, o crescimento e a morte – e um fato social e histórico – a variabilidade das formas de conceber e viver o envelhecimento humano. (DEBERT, 1999, p.50)

Corroborando com a ideia de Debert (1999), a velhice pode ser vivenciada de diversas maneiras.

Há diversas variáveis que definem a forma como o indivíduo envelhece. Cordeiro (2003) traz contribuições para que possamos entender as construções sociais do envelhecimento:

A velhice, na sua qualidade de destino biológico, é vivida de maneira variável, segundo o contexto social. A maneira como se dá o processo de envelhecimento humano, as possibilidades físicas, mentais e sociais não são as mesmas para todos. A classe social à qual o indivíduo pertence e que lhe confere uma determinada posição no trabalho, que lhe dá visão de mundo, que determina inclusive suas lutas, seus anseios e seus hábitos é determinante também no processo de envelhecimento. (CORDEIRO, 2003, p. 50)

Para a autora, quando nos referimos ao envelhecimento humano, é preciso ter claro que: “ao tratar do envelhecimento humano, não podemos pensar em um único modelo de velhice...”(Cordeiro, 2007, p. 96). Encarar o envelhecimento como período de perdas e declínios é, segundo Cordeiro, se voltar para ideias estereotipadas e reducionistas. Até porque, com o aumento significativo da população idosa no Brasil, muitas pessoas estão em busca de atividades para viverem com qualidade de vida, essa etapa. Com isso as questões ligadas ao envelhecimento, estão já há algumas décadas, ganhando espaços no Brasil.

3 CAMINHOS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa apresentada neste artigo foi dividida em dois momentos: a investigação bibliográfica, que constituiu-se como primeira parte, que foi o levantamento sobre o tema específico, para que fosse possível compreender com clareza os conceitos pertinentes à temática. Na segunda parte, a pesquisa de campo, inicialmente foi escolhida a instituição e após o aceite em participar da pesquisa, a pesquisa foi encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP. Após parecer favorável, foi entregue o Termo de Consentimento



Livre e Esclarecido, no qual foram explicitados os objetivos e procedimentos da pesquisa e por fim foi realizada a coleta de dados.

Para a coleta de dados, optou-se pelos relatos orais de crianças, que para Queiroz, constituem-se na maior fonte humana de conservação e difusão do saber. Segundo a autora:

Em todas as épocas, a educação humana (ao mesmo tempo formação de hábitos e transmissão de conhecimentos, ambos muitos interligados) se baseara na narrativa, que encerra uma primeira transposição: a da experiência indizível que se procura traduzir em vocábulos. (QUEIROZ, 1988, p. 16)

Demartini (2005) destaca a importância cada vez maior de aprender a ouvir as crianças e os jovens. Para a autora:

[...] não estamos conseguindo entender ou, principalmente, não estamos conseguindo dialogar com crianças e jovens – até que ponto estamos escutando suas vozes, muitas vezes caladas? Considero necessário não apenas conhecê-los enquanto grupos sociais distintos, com vivências e culturas diferentes daquelas encontradas entre os grupos mais velhos, mas, principalmente, escutá-los para podermos enfrentar juntos os sérios problemas que a sociedade brasileira nos coloca. (DEMARTINI, 2009, p. 2)

Para a coleta de dados, também foi feito uso da observação participante e registro, tais como diários de pesquisa e gravador de voz. Foram realizados três encontros com as crianças, com aproximadamente cinquenta minutos de duração. Os encontros foram agendados previamente com a professora responsável da sala antes. Durante os encontros foi utilizado a hora do Conto, com a leitura dos livros de Guilherme Augusto Araújo Fernandes, de Mem Fox e Lembra de mim, de Margaret Wild e Dee Huxley, com posterior discussão relacionada às temáticas apresentadas. A partir das histórias, em roda de conversa foram feitos questionamentos relacionados a temática, os quais foram registrados por meio de um gravador de voz e posteriormente analisados.

4 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou conhecer as concepções das crianças acerca da pessoa idosa e do envelhecimento humano. Neste artigo, apresenta-se um recorte da pesquisa, para tanto a seguir será trazido algumas discussões realizadas com as crianças que chamaram bastante a atenção. Para nortear o trabalho a primeira pergunta realizada para as crianças foi: “quem sabe o que é uma pessoa idosa?”. As crianças expressaram nas falas que a concepção relacionada ao envelhecimento e velhice está associada com doenças, fraqueza e fragilidade. As suas respostas estão sempre ligadas aos aspectos físicos da pessoa idosa e concomitantemente a doenças. Nos relatos, foi possível observar os estereótipos presentes em relação ao envelhecimento. São eles: “Às vezes a vó tem que ir no hospital.” “Ser velho é chato, porque às vezes não dá pra fazer quase nada”. “Às

vezes trava as costas”. “Não consegue dirigir”. Nos relatos das crianças foi possível encontrar diferenças entre as palavras “velho” e “idoso”. A palavra “velho” tem um significado mais negativo que a palavra “idoso” para as crianças. Como demonstram as falas abaixo: “Idoso é quem usa bengala e velho não sabe andar”, “idoso tem bengala e velho não”. “Velho não consegue pegar as coisas e idoso sim”, “velho é fraco”. Segundo Cordeiro (2003), a palavra “velho” é carregada de conotações negativas e cercada por estereótipos e preconceitos em nossa sociedade. Dessa forma:

À ideia de velhice, somam-se quase sempre aspectos indesejáveis e negativos, que apresentam o idoso como alguém sempre em desvantagem em relação ao mais jovem, mesmo que as circunstâncias e o cotidiano demonstrem que as coisas não são bem assim e que as qualidades atribuídas geralmente à juventude podem ser encontradas em pessoas de todas as idades, assim como os aspectos negativos atribuídos à velhice, como posturas rígidas em face do novo, por exemplo. (CORDEIRO, 2003, p. 46)

Nas falas das crianças também foi possível observar as questões relacionadas à finitude humana, pois apareceram fortemente: “Quando as pessoas são velhinhas elas morrem”, “as pessoas velhas viram estrelas”, “cada um morre quando fica velho”. A questão principal que se coloca, quando analisamos as concepções das crianças relacionadas ao envelhecimento humano, é mostrar-lhes que a velhice também tem seu lado positivo, que é possível ter um envelhecimento saudável, que a velhice acontece a cada dia. Essa discussão é benéfica para as crianças, que crescerão com outro olhar sobre a pessoa idosa, podendo compreender que a velhice não é um período da vida repleto de perdas ou situações ruins, mas uma etapa que pode ser vivida com tranquilidade e qualidade de vida.

Para dar continuidade a coleta das concepções das crianças, os livros escolhidos para os momentos de contação de histórias foram Guilherme Augusto Araújo Fernandes, de Men Fox e Lembra de mim?, de Margareth Wild, que tratam justamente destas questões. Em ambas as histórias, há uma relação de afeto e amizade entre crianças e pessoas idosas. Há a questão da perda da memória e ações por parte das crianças no sentido de auxiliar as pessoas idosas a recuperarem suas memórias perdidas. A partir das histórias contadas, as crianças foram instigadas com perguntas para averiguar o entendimento delas em relação ao enredo, suas posturas e maneiras de pensar em relação à pessoa idosa. O tema da memória configurou-se como o principal no momento da conversa. As crianças levantaram interessantes hipóteses sobre que vem a ser a memória: “o que fica dentro da cabeça da gente e faz lembrar das coisas”, o que faz você “lembrar do ano passado”, “é o que a gente pensa e fica dentro do cérebro”. Por meio da história e da conversa, houve a busca de desconstruir estereótipos negativos em relação ao envelhecimento humano. As



crianças constataram que não são todos os idosos que perdem a memória. Formas de pensar, crenças sobre vida e morte, interpretações sobre a história apareceram no diálogo. As crianças constataram que os idosos do asilo também gostam de tocar piano, remar, cantar. No entanto, as crianças se lembraram dos que ficam acamados, dos que usam bengala, dos que ficam muito velhinhos e morrem.

Diante das concepções apresentadas pelas crianças, o saber sistematizado da escola trará contribuições para reconstruir ideias sobre o envelhecimento humano. Setúbal (1996) ressalta que:

Nesse processo de pessoas envelhecendo a escola tem uma importância social fundamental, levando as crianças a desenvolverem uma nova concepção de envelhecimento, que valorize a memória e as trocas, que são valiosas entre as gerações. (SETUBAL, 1996, p.)

Carvalho (2004) demonstra que um preparo da sociedade para a inserção do idoso ao seu contexto e às suas condições de longo tempo, com boas condições de vida, pressupõe novas diretrizes educacionais voltadas a uma faixa etária que, segundo as estatísticas, aumenta nos últimos anos. Daí a necessidade de se analisarem os parâmetros curriculares oficiais que norteiam a elaboração de currículos e planos de ensino, no que se refere à fase da velhice. Para a autora, a construção do conhecimento, que pode aproximar ou afastar a escola da sociedade, depende do processo de escolarização utilizado.

E ainda:

As crianças constroem conceitos a partir do seu convívio com uma determinada situação, em casa ou na escola, ou seja, elas apreendem o que vivenciam nas suas interações com o meio ambiente. A transformação de ideias prévias ou do senso comum é feita, portanto, através da participação ativa do aluno e do direcionamento dado pelo professor, que irá elaborar a construção daqueles conceitos, aproximando-os do conhecimento específico (CARVALHO, 2004, p. 13).

Nesse sentido, é importante que as escolas desenvolvam um trabalho de conscientização preparando-os para futuros cuidados, tornando-os sensíveis a essa temática e, mais que isso, preparando-os para o próprio envelhecimento e para a questão do respeito à diversidade. Isso está preconizado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009).



REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. História social da criança e da família. Tradução de Dora Flaksrnan. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BARROS, M.M.L. Velhice ou terceira idade?. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- BEAUVOIR, S. A velhice: a realidade incômoda. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. Rio de Janeiro: Difel, 1976.
- BOSI, E. Memória e sociedade. Companhia das Letras, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB nº 20/2009. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/CNE, Brasília, 2009.
- BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. 3.
- BRUNS, M. A. T. O desejo tem idade?. In: BRUNS, M.A.T; DEL MASSO, M.C.S (Orgs.). Envelhecimento humano: diferentes perspectivas. São Paulo: Alínea, 2007. p. 24-33. BENJAMIN, W. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. Tradução de Marcos Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.
- CAMBI, F. A história da pedagogia. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 1999. Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL – ISSN 1980-4504 122 BOITATÁ, Londrina, n. 20, jul-dez 2015
- CARVALHO, C. B. Concepções e representações de envelhecimento e sujeito idoso: uma contribuição para o ensino mediante conhecimentos favoráveis à inserção social. 2004. 183f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2004
- CARVALHO, C. B; Horiguela, M. L. M. Inserção social de idosos a partir da escolarização básica. In: BRUNS, M.A.T; DEL MASSO, M.C.S (Orgs.). Envelhecimento humano: diferentes perspectivas. São Paulo: Alínea, 2007. p. 121-141.
- CORDEIRO, A.P. Oficina de teatro da UNATI UNESP Marília: A arte e o lúdico como elementos libertadores dos processos de criação da pessoa idosa. Tese (Doutorado). FFC, UNESP- Marília, 2003
- CORSARO, W. A. Sociologia da infância. Porto Alegre: Artmed, 2011. DEBERT, G. A construção do e a reconstrução da velhice: classe social e etnicidade. In: A.L. NERI e G.G. DEBERT (Orgs.). Velhice e sociedade. Campinas: Papirus. 1999.
- DEMARTINI, Z. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (Orgs.). Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.p. 1-17.
- FOX, M. Guilherme Augusto Araújo Fernandes. São Paulo: Brinque-book, 1995.



KRAMER, S. A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003.

MAZUTTI, C. SCORTEGAGNA, M. H. Velhice e envelhecimento humano: concepções de pré-escolares do município de Tapejara – RS. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, p.101-112, 2006.

QUEIROZ, M. Relatos orais. In: VON SIMON, O.M. (Org.). Experimentos com História de Vida. São Paulo: Vértice, 1988. QUINTEIRO, J. Infância e Educação no Brasil: Um campo em construção. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. de B. F.;

PRADO, P. D. (Org.). Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2009. p.19-48.

OLIVEIRA, Z.R. Educação infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL – ISSN 1980-4504 123 BOITATÁ, Londrina, n. 20, jul-dez 2015

SALZEDAS, P. L.; BRUNS, M. A. T. O corpo em transformação: a silenciosa passagem pelo tempo. In: BRUNS, M. A.T; DEL MASSO, M. C. S. (Orgs.). Envelhecimento humano: diferentes perspectivas. São Paulo: Alínea, 2007. p. 13-22.

SETÚBAL, M. F. O. A função social da escola frente ao processo de envelhecimento da população. Arquivos de Geriatria e Gerontologia, p. 63-64, maio 1996. WILD, M; HUXLEY, D. Lembra de mim. São Paulo: Brinque-book, 2009.